

## CIDADE E MEMÓRIA: ANÁLISE DOS DISCURSOS DA IMPRENSA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CAMPISTA, A PARTIR DO PROJETO DE MODERNIZAÇÃO DE 1916

*Anelize dos Santos Ribeiro<sup>1</sup>*

### RESUMO

Este relato tem como objetivo descrever algumas etapas do projeto de pesquisa “Formosa e intrépida: uma análise do discurso da imprensa sobre a modernização de Campos dos Goytacazes e a formação de uma sociedade de influência”, que analisa a construção dos discursos políticos e midiáticos por meio de enunciados dos jornais locais a respeito da cidade de Campos dos Goytacazes. Pretende-se apresentar reflexões acerca da primeira parte da pesquisa, que consiste na investigação dos dizeres sobre a cidade em 1916 e o papel da memória na construção dos dizeres que formam a identidade local.

**Palavras-chave:** Campos dos Goytacazes, discurso, memória e identidade.

### INTRODUÇÃO

A pesquisa<sup>2</sup> nasceu de um grupo de estudos<sup>3</sup> sobre análise do discurso e do texto, em que era proposto analisar os discursos a respeito da cidade de Campos dos Goytacazes. Buscando entender o processo de formação dos dizeres que moldam a identidade da sociedade campista, foi desenvolvido o presente estudo que propõe analisar a construção dos discursos, produzidos e reproduzidos pela imprensa sobre Campos dos Goytacazes, ao longo do século XX, e compreender de que maneira esses dizeres sobre a cidade contribuíram na formação da identidade local. Utilizamos como recorte temporal, um conjunto de obras de saneamento, urbanização e embelezamentos ocorridos na cidade em 1916, batizado de “Melhoramentos”. Busca-se identificar o que se fala sobre ele em 1966 e 2016, estudando comparativamente os dizeres a respeito da Campos moderna, para capturar elementos da memória discursiva e as representações do lugar enquanto centro regional, construídos por uma elite intelectual com condições privilegiadas de produção e circulação de sentidos.

Para entender de que maneira os dizeres sobre a cidade formam o que ela é, utiliza-se as concepções do geógrafo Milton Santos, que pensa a categoria “lugar” como o espaço

<sup>1</sup> Graduanda em Ciências Sociais (Bacharelado) na Universidade Federal Fluminense (UFF), em Campos dos Goytacazes. É pesquisadora de Iniciação Científica - FAPERJ - com pesquisa sobre política e discurso, memória e identidade, e suas construções nas mídias Jornalísticas.

<sup>2</sup> Pesquisa: “**Formosa e Intrépida: uma análise do discurso da imprensa em 1916, 1966, 2016 sobre a modernização de Campos dos Goytacazes e a formação de uma sociedade de influência**” – Desenvolvida em conjunto com a Profa. Dra. Jacqueline Deolindo da Silva Curvello.

<sup>3</sup> Núcleo de Iniciação a Pesquisa em Comunicação professor Orávio de Campos Soares – Jornalismo e práticas regionais. Curso coordenado pela Profa. Dra. Jacqueline Deolindo da Silva Curvello.

construído através do cotidiano e das relações materiais e simbólicas dos indivíduos que nele habitam. A geógrafa Ana Fani Carlos, pensando o lugar também nessa perspectiva, nos convida a compreender essa categoria como um produto da tríade habitante-identidade-lugar. Segundo ela, as relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se exprimem todos os dias nos modos de uso dos recursos e dos equipamentos, nas práticas de sociabilidade, nas condições mais banais, no secundário, no acidental (CARLOS, 2007 p.17) e se consolidam como uma enunciação a respeito do que o lugar é, ou seja, como uma representação (PESAVENTO, 2005). Desse modo, os espaços de vivência se constituem lugares através dos símbolos. Eles podem ser o bairro, a praça, a rua ou a pequena vila ou cidade — vivida/ conhecida/ reconhecida em todos os cantos (CARLOS, 2007 p.17 e 18), carregados de significados atrelados ao cotidiano dos indivíduos e, nesse sentido, atuando na produção da identidade dos indivíduos, assim como os lugares também são constituídos a partir de traços identitários de seus habitantes.

Nessa perspectiva, foi adotado como referencial metodológico a Análise do discurso Francesa, propagada por Eni Orlandi (2009), que concebe o discurso como “efeito de sentidos entre locutores” e propõe o entendimento dos discursos como ideológicos, levando em conta as vozes e os vieses presentes nos dizeres, investigando para além do que é dito, buscando também o que não é dito, os implícitos que só podem ser acessados compreendendo as condições de produção dos dizeres. Pêcheux (2009) nos ajuda a compreender o discurso através dos estudos sobre a memória discursiva, tida por ele como aquilo que está sempre presente no inconsciente, sendo o que permite o restabelecimento dos discursos e a produção de outros, como num espaço de lutas e embates, entre o que já foi dito e o que se pretende dizer. A identidade é considerada por Pesavento (2005) como a construção de um imaginário a respeito de um lugar e dos sujeitos, produtora de coesão social, é um exemplo de representação social. O imaginário, tido como um conjunto de ideias e imagens, utilizado pelos sujeitos para construir para si uma representação, um sentido dentro da sociedade, trata-se sem dúvida de um processo, no qual a mídia tem papel preponderante (MOSCOVICI, 2003).

A pesquisa de campo foi realizada no Arquivo Público municipal Waldir Pinto de Carvalho, instituição responsável pela guarda e preservação dos jornais, considerados patrimônio histórico da cidade, entre eles, somente o jornal Monitor Campista – que circulou na cidade entre os anos de 1832 e 2009 – tinha em seu acervo as matérias do período proposto a análise, segundo semestre do ano de 1916. Tomando como ponto de referência inicial das

análises à ocasião dos “Melhoramentos”, ocorrida em 1916, foi possível observar o conteúdo produzido pela mídia local sobre a inauguração das obras, contendo a cobertura completa do evento. O curso “De Capitania à Cidade: o processo de formação dos Campos dos Goytacazes (1534-1835)”, evento produzido numa parceria entre a Emugle - Escola Municipal de Gestão do Legislativo da Câmara Municipal de Campos dos Goytacazes – e o Arquivo Público Municipal Waldir Pinto de Carvalho, atuou como uma importante fonte histórica para a pesquisa. Os encontros, que ocorreram no plenário da Câmara – nos dias 26 de Março, 02, 09 e 16 de abril de 2019 – reuniu palestras de estudiosos e autores locais, com discussões voltadas a elementos fundamentais no processo de formação da cidade, assim como, as características da sociedade campista e os fenômenos sociais ocorridos entre a fundação e a municipalização de Campos.

### **CAMPOS, DA FUNDAÇÃO AOS MELHORAMENTOS**

A região onde hoje se situa o município de Campos dos Goytacazes, nos primeiros anos da colonização portuguesa pertenceu a Pero de Góis – donatário da capitania de São Tomé que, após uma tentativa de colonização malsucedida, abandonou as terras e algum tempo depois as devolveu à coroa, resultando no abandono da região por um longo período. Segundo as histórias locais, este episódio ocorreu devido as terras serem habitadas inicialmente pelos índios Goytacazes que eram considerados agressivos e perigosos. As terras foram colonizadas de fato pelos Sete Capitães, em 1627. Durante o processo inicial de colonização, consideraram as terras propícias a atividade pecuniária, tornando-a local de criação de gados para a província do Rio de Janeiro, sendo reconhecida como “Currais dos Goytacazes”. Em 1652 o lugar foi elevado a Freguesia de Campos e, em 1677 a Vila de São Salvador dos Campos (informações verbais).<sup>4</sup> Apesar de seu status visionário, a cidade era dependente administrativa e politicamente das províncias do Rio de Janeiro e do Espírito Santo e após muitos esforços da elite local, que investira num discurso que refletia a ideia de domínio político, administrativo e econômico desta localidade em função das demais (CHRYSOSTOMO, 2011), a Villa conseguiu desmembrar-se da Província do Espírito Santo, e migrou para a do Rio de Janeiro, almejando tornar-se capital da província, o que não

---

<sup>4</sup> Comunicação feita em abril de 2019, no Curso De Capitania à Cidade: o processo de formação dos Campos dos Goytacazes (1534-1835) – Realizado nas datas de 26 de março, 02, 09 e 16 de abril.

ocorreu. Em 1833 foi criada a Comarca da vila de São Salvador, e em 1835 a Vila foi elevada a município de Campos dos Goytacazes.

A evolução do povo da planície custa a se pôr em marcha, não obstante a enormes progressos no campo industrial e econômico. [...] É com tamanhos óbices da agressiva natureza, intercadentes com as lutas políticas, que campos se desenvolve. (LAMEGO, 1945, p. 137 e 143)

No início do século XIX, com o cultivo da cana-de-açúcar, surgiram na planície os senhores de engenho e mais tarde às usinas ocuparam grande parte da cidade, se tornando a base da economia local até meados do século XX. Vale salientar que, nesta época, a cidade era composta por uma nobreza rural. Campos chegou a ser habitada por 20 barões, oito baronesas, oito viscondes, quatro viscondessas, dois condes e uma marquesa (SMIDERLE, 2010 p.34). A concentração de capital econômico e social na cidade contribuiu para a formação de uma sociedade de influência regional e nacional. Esses fatores colaboraram também para que a cidade se tornasse a “capital do açúcar” e uma das maiores capitais econômicas do país no começo do século XX. Em contraponto, a sociedade campista chegou a possuir, no século XIX, 36% de sua população formada por escravos, constituindo-se no terceiro maior consumidor de mão-de-obra negra do Brasil (SMIDERLE, 2010, p.37).

Mesmo com os progressos, a cidade carecia de melhorias, pois era considerada insalubre no início do século XX. Foi a partir dessa necessidade de tornar Campos mais habitável, que o discurso modernizador ganha fôlego. Temos, em 1902, o projeto do engenheiro sanitário Saturnino Rodrigues de Brito (FARIA, 2005), baseado na ideia de Progresso e civilidade que, após intensos debates na câmara municipal entre políticos e representantes locais, foi sancionado no ano de 1911. A partir de então, ficou acordado que seria realizado um pacote de obras de saneamento e urbanização na cidade, visando não somente à higiene como também o embelezamento e a modernização da cidade (FARIA, 2005). Tal projeto representava a culminância dos anseios da elite local de dotar Campos das condições de higiene dentro dos novos moldes do cientificismo positivista garantidores da cidade moderna e civilizada (ALVES, 2013, p 34).

Os Melhoramentos foram financiados através de uma sobretaxa de 2,5% sobre a safra do açúcar, proposta aos usineiros pelo então presidente do Estado do Rio de Janeiro, Francisco Chaves de Oliveira Botelho, durante a 4ª Conferência Nacional do Açúcar, realizada na cidade em abril de 1911, reunindo os demais representantes políticos do Estado. Os usineiros, diante da falta de recursos do governo para custear as obras, aceitaram de bom

grado serem os financiadores. A Lei 1.037 foi sancionada em 11 de novembro de 1911 e regulava a arrecadação, poupança e aplicação dos recursos.

Essa modernização tem como objetivo construir a “cidade moderna” que evidencie o poder das classes sociais dominantes e aumente sua capacidade política, exercendo sua dominação política. Isto vai ser expresso nos diversos “símbolos de modernidade” construídos, substituindo a antiga “cidade colonial”: as fachadas suntuosas, os prédios altos, as ruas largas, o ajardinamento, a luz elétrica e o Boulevard, uma das marcas da modernidade europeia. (RODRIGUES, 2016, p 33)

No dia 05 de novembro de 1916 ocorreu a inauguração dos Melhoramentos, que foram amplamente divulgados pela imprensa local e aparece com destaque na primeira página do jornal Monitor Campista daquele dia, com a seguinte manchete: *“Sua inauguração oficial, com a presença dos Srs. Wenceslão Braz e Nilo Peçanha, respectivamente presidente da República e do Estado do Rio de Janeiro”* (Figura 1).

Figura 1 – Primeira Página do Monitor Campista de 5 de novembro de 1916



Fonte: Fotografia da autora. Acervo do Arquivo Público Municipal

Observou-se que as matérias relacionadas as obras de melhorias, evidenciam as figuras dos políticos e usineiros locais, dando centralidade a esses atores como os principais responsáveis pelos feitos dos Melhoramentos, reforçando a titularidade desses como cuidadores e “protetores das terras campistas”. De acordo com as análises, o jornal Monitor Campista operava na cidade a função de “espelho da opinião mais esclarecida” não como o reflexo, mas como amplificador, porta-voz do pensamento político e cultural dominante (BETTA, 2020). O Monitor Campistas, neste contexto, assumia um viés conservador e atuava como reproduzidor da ideologia dominante, procurando atender os interesses das elites.

Os usineiros faziam parte desta elite local da época, pois eram dotados de grande poderio político e econômico, reconhecidos para além do governo local. Com isso, formavam um grupo minoritário de concentração do poder local, possuindo autoridade e representação

diante todas as camadas sociais. Eles eram senhores absolutos dentro dos seus limites, fornecendo casas para moradia aos funcionários, sendo consultados para decisões familiares, realizavam casamentos e até batizados entre os habitantes (SMIRDELE, 2010 p. 35).

No conteúdo apresentado na figura 1, ficou notável, durante as análises, o apagamento do restante da população campista, uma vez que, em nenhuma parte do material analisado é citada a participação dos cidadãos pertencentes a outras classes que atuaram como mão-de-obra nas construções do pacote de obras. Outro fato observado foi que estas intervenções (obras) se concentraram na área central da cidade, provocando gradativamente a expulsão da população pobre em direção a áreas periféricas (FARIA, 2005), negligenciando no plano de obras as demais regiões da cidade e as classes menos privilegiadas.

## IDENTIDADE E MEMÓRIA

A vida cotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentidos para eles (BERGER; LUCKMANN, 2002, p.35), ao mesmo tempo que também se apresenta como um mundo objetivo, uma vez que os indivíduos estão em constante interação e comunicação, formando as estruturas simbólicas na sociedade e suas significações. O universo simbólico é tido como um filtro que absorve os significados subjetivamente e intersubjetivamente produzidos pelos indivíduos. Aqueles que ocupam as posições dominadas no espaço social estão também em posições dominadas no campo de produção simbólica (BOURDIEU, 2006), o que os impede de alcançar os instrumentos de produção simbólica que lhe são necessários para a construção de seus próprios pontos de vista e para a produção dos discursos sobre o lugar.

**O procedimento altruístico e sem exemplo dos adiantados usineiros de Campos e dos proprietários do Engenho Central de Quissamã em prol do saneamento e melhoramentos desta cidade merece ser lembrado hoje e sempre como um acto da mais elevada nobreza e amor à terra campista. A elles, principalmente, a esses generosos e abnegados agricultores e industriais, se devem esses melhoramentos que vão ser hoje inaugurados com a maior satisfação do povo. (SD1)**

É possível observar por meio desse enunciado (Sequência discursiva 1), retirado da matéria do jornal Monitor Campista (Figura 1), que a identidade de Campos é formulada através de uma produção simbólica, discursiva e imagética de cidade “superdesenvolvida” e independente, forjada pela ideia de que os usineiros eram os cuidadores das terras campistas e, portanto, da sociedade campista. Porém, a realidade social da Campos de 1916 demonstra que a cidade possuía uma estrutura urbana precária e uma sociedade acomodada a uma política

patriarcal, subordinada as vontades de uma elite dominante. Utilizando-se dos estudos de Robert Putnam (1996), a cidade de Campos pode ser considerada uma “comunidade menos cívica”, que se refere a uma sociedade menos evoluída e, portanto, menos democrática, com a maior parte da população sem instrução e com uma relação hierárquica e verticalizada entre as classes sociais.

Segundo Tomaz Tadeu (2014), a identidade é uma referência, ou, uma definição. Ela é formada por um conjunto de elementos (símbolos) atribuídos a certo lugar, pessoa ou objeto. Para ele, a identidade é produto da diferença, pois quando dizemos o que “o lugar é” também estamos afirmando o que “o lugar não é”, assim, a produção social da identidade é um processo dual. Existem elementos e eventos marcantes na história dos lugares, que são considerados memória e referência para identidade de um lugar e atuam na memória coletiva e na produção identitária, não só como uma lembrança do passado a ser revivida, mas também como um instrumento e objeto de poder (LE GOFF, 1990, p.410). Nesse sentido, podemos considerar que a identidade da Campos de 1916 foi um produto discursivo da aristocracia local que recorreu ao projeto dos “Melhoramentos” como um instrumento político para legitimar o poder local, atribuindo imponência à cidade e conseqüentemente, às classes dominantes. Este projeto foi e ainda é, para a memória local, um instrumento de poder, lembrado pelos discursos políticos e midiáticos, como referência local.

## CONCLUSÃO

A análise do discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade (ORLANDI, 2009) e o discurso como uma articulação entre linguagem e ideologia. Deste modo, o discurso, como parte integrante das lutas simbólicas/práticas na produção dos sentidos, se forja por meio das relações de poder que se dão entre os sujeitos. Essas ocorrem nos contextos sociais dentro dos quais eles vivem suas vidas cotidianas: a casa, o local de trabalho, a sala de aula etc. As relações entre a elite e a população campista pode ser entendida como uma ideologia que se materializa como discurso de poder (THOMPSON, 1999) “disfarçado” de generosidade e cooperação dos usineiros para com a cidade e seus habitantes.

Ao considerar as obras dos “Melhoramentos” como lugares dotados de significados, identidade, memória e representação social e que as revitalizações se concentraram na região central da cidade, observamos que esses espaços eram vividos somente no cotidiano das elites locais, visto que, para o restante da população não ocupante desses espaços, eles se



constituíam apenas lugares de passagem, não produzindo vivência e nem significados para esses indivíduos. Porém, esses novos espaços foram apresentados à sociedade – pela mídia local – como um projeto viabilizado a toda a população, independente das classes. Podemos observar, não só uma intencionalidade política de articulação econômica para consolidar um discurso a respeito da cidade, mas também uma estratégia de dominação, disfarçada de “bem feitorias” para com a sociedade local, quando na verdade, produzia-se a completa exclusão das classes dominadas do pacote de saneamento e melhores condições de vida.

Para Bourdieu (2006), as produções simbólicas ocorrem de acordo com o interesse das classes dominantes, que constroem uma cultura para realizar suas vontades particulares e a integração dos membros de sua classe, ao mesmo tempo que cria uma falsa consciência, para desmobiliza as outras classes, como forma de legitimar sua dominação.

Segundo um recenseamento realizado em 1920, a parte urbana da cidade contava com 45.430 habitantes para 128.672 da zona rural e um total no município de 173.102 (LAMEGO, 1945, p. 146). As análises indicam que a dinâmica da sociedade campista se dava ao redor das usinas e fazendas da aristocracia Campista. Os membros dessa elite rural, ocupavam diversos papéis sociais, para além de empresários locais e representantes políticos legitimados pela população. Eles eram os responsáveis pelos símbolos atribuídos a Campos da época. Com base nos dados obtidos até o momento, pode-se afirmar que as relações de dominação eram também estendidas à imprensa local da época, de maneira que, a representatividade da sociedade campista produzida pelos jornais, eram também uma reprodução discursiva das elites. Os jornais, atuantes não só como circulação de informações, mas também como guardião de memórias, tornaram-se um veículo de produção desse discurso ufanista sobre Campos, que moldou sua identidade e conseqüentemente a memória local, baseando-se numa produção imagética de cidade “formosa e intrépida”, revivida pela memória social local ao longo do século e encontrando espaços de reprodução até os dias atuais.



## REFERÊNCIAS

ALVES, Heloiza de Cácia Manhães. **A elite local e a Modernização Urbana em Campos dos Goytacazes: um Projeto Político 1930-1950**. Campos dos Goytacazes, 2013. 169 f. Tese (Doutorado em Sociologia Política) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, 2003.

BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: Tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BETTA, Thiago E. L. **Literatura e jornalismo: a vida literária em Campos dos Goytacazes no final do século XIX**. Campos dos Goytacazes, 2020. 144 f. Tese (Doutorado em Cognição e Linguagem – Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, 2020.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

CÂMARA DE VEREADORES DE CAMPOS DOS GOYTACAZES. **Benta Pereira**. [2015, online]. Disponível em <http://www.camaracampos.rj.gov.br/14-memorial/634-benta-pereira>.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007. Disponível em: [http://www.gesp.fflch.usp.br/sites/gesp.fflch.usp.br/files/O\\_lugar\\_no\\_do\\_mundo.pdf](http://www.gesp.fflch.usp.br/sites/gesp.fflch.usp.br/files/O_lugar_no_do_mundo.pdf).

CHRYSÓSTOMO, Maria Isabel de Jesus. Campos: a capital sonhada de uma província desejada (1835-1897). **Revista História São Paulo**, (UNESP), Vol 30 nº 1. Pag.56-89, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/his/v30n1/v30n1a04.pdf> Acesso em: 24 fev 2020.

FARIA, Teresa Peixoto. O papel dos médicos e engenheiros na modernização da área central da cidade de Campos dos Goytacazes, no início do século In: Simpósio Nacional de História, 23. **Anais**. Londrina, 2005.

FARIA, Teresa Peixoto. Configuração do Espaço urbano da Cidade de Campos dos Goytacazes, após 1950: Novas centralidade, velhas estruturas. In: **Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina**, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005.

LAMEGO, Alberto. **O Homem e o Brejo**. Rio de Janeiro: IBGE, 1945.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 1990.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 2003.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos**. Campinas: Pontes, 2009.

PÊCHOUX, Michel. **O discurso** – Estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 1990.

PESAVENTO, Sandra J. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PUTNAM, Robert. **Comunidade e democracia:** a experiência da Itália moderna. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

RODRIGUES, Igor Paolo R. D. **Território e Poder: As elites e a organização do Território em Campos dos Goytacazes.** Campos dos Goytacazes, 2016. 135 f. Tese (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense, 2016.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço:** Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). **Identidade e Diferença:** a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

SMIDERLE, Dilcéa de Araújo Vieira. **O multiforme desafio do setor sucroalcooleiro de Campos do Goytacazes.** Campos: Fundação Cultural Jornalista Oswaldo Lima, 2010.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna:** teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 2000.